

116
S E R M A M

Que prégou

O P. ANTONIO DE SAA

DA COMPANHIA DE JESUS.

Na Capella Real

DIA DO APOSTOLO

S. THOME.



L I S B O A.

Com todas as licenças necessarias.

Por Antonio Rodriguez d'Abreu. Anno 1674.

A custa de Martim Vaz Tagarro Mercador de livros.

SE R M A M

of the

of the

of the

of the

of the

of the

of the



1810

of the

of the

of the

of the



Affer manum tuam, & mitte in latus meum: & noli esse incredulus, sed fidelis. Joann. 20.



A fingio a Antiguidade, Multo alto, & poderosos Reys, & Senhores nossos. Lá fingio a Antiguidade, que desejando o Amor reduzir a si a hum coração desnamorado, sahira à batalha cõ elle, tão armado o Amor de setas, como o coração de durezas. Partido o campo, brandio o Amor o arco, medio a seta, aponrou o tiro, despedio huma, segundou com outra, atirou finalmente todas, & no cabo cançado já o braço, rota a corda, vazia a aljava, vio todas suas armas aos pès do contrario, que como se fora insensivel marmore, estava triumphante da valentia do ferro. Que faria o Amor neste cazo? Sente o desdem, chora o desprezo, correse da resistência, & reduzido a desesperação, quebra o arco, arremeça a aljava, baae as azas, & cortando impaciente os ares, como se fora seta com alma, se arroja sobre o peito do adversario, & às chamas taõ vestinhas desfez aquelle penhasco de durezas; cõcebeo ternuras, admittio caricias, & brando já de amoroso largou o campo ao Amor. Isto que no Amor profano foi fabula, he hoje no Amor Divino verdade. Duidava Thome, resolutio, & negava obstinado a Resurreição de Christo, não lhe valiaõ a este Senhor hũa, nem outra certeza desta aparição, & daquela, porfiava cego em sua contumacia, & pondo no atrevimento o desengano, inflava emmedir-lhe as chagas, & examinalhe o peito. Sentio-se ao parecer Christo da rebeldia taõ porfiada, & consagrou oito dias aos retiros da Magestade, mas no cabo cedendo a Magestade ao Amor, rodeado de luzes, & servido de resplandores, penetra imperiosamente sobranho as portas do cenaculo, & vencendo desdortezias, atropelan-

dol'ingratidoens contra a grandeza de Senhor, contra as privilegios de immortal, se mete até o coração pellas mãos de Thome, que rendido a tanto golpe de rayos, & a tanto tiro de finezas abjurou perfidias, & reconheceo a Christo: *Dominus meus, & Deus meus.*

Esta he em summa a historia toda do Evangelho, nelle se nos representa Thome em dous estados: em hum temos a Thome perdido a porfias de sua incredulidade, em outro temos a Thome ganhado a favores de Christo; & na consideração de ambos quizera eu satisfazer ás obrigações deste dia. Celebra neste dia a Corte de Portugal a Thome como Orago da Real Capella de seu Monarcha. Celebra tambem o Tribunal da India a Thome como Padroeiro das Conquistas do Oriente. Thome ganhado acodirá ás obrigações de Orago: Thome perdido satisfará aos empenhos de Padroeiro: na redução de Thome notará advertências a Corte: na perda de Thome chorará seus descuidos a India; & como se bem advertirmos J. Thome com a mão no lado de Christo, escolheo pera Orago de sua Real Capella a Magestade Augusta de nosso inclito Monarcha, para que ainda nas menores circumstancias se ajuste o Sermão com a celebridade, a mão sómente de Thome no Lado de Christo será o assumpto da primeira parte, & as palavras ultimas de Christo em que cistrou os erros de Thome a materia da segunda. Comece Thome a darnos a mão.

Affer manum tuam, & mitte in latus meum. A primeira cousa notavel que descubro naquella mão de Thome, & o que eu admiro muito he, que vendose buscada de Christo: *affer manum tuam*, esperasse ainda imperios pera entrar no Lado: *mitte in Latus meum.* Cuidava eu que ao primeiro aceno de Christo se estendesse logo confiadamente ao favor. & ella sobre esperar que a mandem estender: *affer*, espera ainda que a mandem entrar: *mitte.* O bem de Thome dependia todo deste favor: *Nisi mittam manus meam in Latus ejus, non credam.* Pois se deste favor dependia todo o bem de Thome, pera que anda com tantos vagares a mão? Porque era favor de Lado, & Lado de Senhor, & quiz mostrar Thome que o Lado de hum Monarcha não devia ser despojo da confiança alhea, se não benevolencia da eleição propria. O Principe não ha de admitir a sua
graça

graça a quem a quer, senão a quem elle quizer: as outras merçes se-
 ão embora dos introduzidos, porém o valimento ha de ser sóme-
 te dos chamados; e inda não disse bem; ha de ser dos que sobre cha-
 mados forem escolhidos. A todos os homens chama Deos pera lo-
 grar sua privança na gloria, mas nem a todos os que chama con-
 cede a gloria de sua privança; chama a todos, & escolhe a poucos,
 & os poucos escolhidos effes são os privados. Pois da mesma sorte
 que se procede no valimento divino, assi he bem, antes he necessa-
 rio, que se proceda no valimento humano; hade haver vocação, &
 hade haver eleição, hade de chamar a muitos, & hade de eleger a
 poucos; & os poucos eleitos, effes haõde ser os validos; & a razão
 disto he, porq̃ a opinão he a melhor parte da vida real, & das ac-
 ções dos validos depende sempre a opinão do Rey: conforme
 são os lados, assi se avalia commumente a cabeça, & por isso im-
 porta muito que escolha o Príncipe, & com grande consideração
 os lados.

Caminhava Christo pera o Calvário, & diz o texto, que levavaõ
 com elle a outros dous malfeteiros; *ducebantur, & alij duo nequam*
cum eo. Misterioso termo na verdade, & *alij*, & outros? Levavaõ
 dous malfeteiros, isso estava bem, porém outros dous? Logo Christo
 tambem era malfetor? Não era malfetor Christo, mas levava ao
 lado dous malfeteiros, & bastou serem estes os lados pera de al-
 gum modo correr Christo por malfetor. Não menos que isto vai
 á cabeça na eleição dos lados. Seja o Rey a innocencia mesma, se-
 lhe serve de lados a malicia, hade passar por malicia a mesma in-
 nocencia: nos outros homẽs periga a reputação nos vicios proprios;
 no Príncipe até os alheos são achaque de sua reputação. O ecclypse
 que experimenta o mundo quando a Lua acerta de ficar diante
 do Sol, não he defeito do Sol, he effeito da Lua, que com a oppo-
 sidade interposta de seu corpo impede a communicação benigna
 de seus rayos, & com tudo não se chama ecclypse da Lua, se não
 do Sol, & corte por defeito proprio o embaraço alheo, porque es-
 ta he apenção de hum Planeta Rey, julgar todos que he ecclypse do
 Sol, o que são somente sombras de Lua. A baze em que estriba
 gloriosamente segura a boa fama dos Monarchas, não são tanto as
 A33
 prendas

prendas próprias, como as acções dos validos: as magestades como vivem retiradas, o respeito as imagina sempre soberanas; se os privados são modestos, & entendidos, dissimulaõ muito seus erros, & ainda os fazem parecer acertos; porém se são depravados, & indiseretos por elles, como por resquícios de Palacio, se arroja a curiosidade do povo a penetrar as qualidades do Principe, & da malignidade dos lados conjectura menos bondade. na cabeça: por isso Thome para chegar ao Lado de Christo espera ser chamado; *affer manum tuam*, & espera ser escolhido: *mitte in latus meum*, para que nas tardanças de sua mão advirtão os Principes como devem conceder o lado.

Depois de esperar a mão de Thome imperios, manda Christo que entrasse a mão, mas não mandou a Thome que visse o Lado; permitio-lhe o toque, mas negou-lhe as vistas: *affer manum tuam, & mitte in latus meum*: quando foi ás chagas das mãos, ordenou Christo a Thome que tocasse, & visse: *infer digitum tuum huc*, eis ahi o toque, & *vide manus meas*, eis ahi as vistas. Pois se Christo concedeo as vistas das mãos a Thome, porque lhe negou a vista do Lado? Porque esta differença ha de haver do Lado ás mãos: As mãos como são indices da liberalidade, he bem que sejam vistas de todos, porque para todos deve ser liberal hum Rey: o Lado como he deposito dos mais interiores segredos, não ha de ser visto de ninguem; porque a ninguem se hão de manifestar os segredos. A grandeza do rio conhece-se na profundidade de suas agoas, suas profundidades ha de ter o Principe para se venerar grande: hade seguir o modo do obrar da natureza que nos mostra as fermosuras sem dizer como as obra. Quando Isayas vio a Deos no throno, diz que dous Seraphins lhe cobrião a cabeça, & os pés com suas azas; porque com tanto recato ha de zelar hum Monarcha as maximas do governo, que nem se lhe entendão os passos, nem se lhe penerem os decretos. A a divindade presidente dos Conselhos, levantou Roma Altares, porém debaxo da terra, significando com isto o muito que se deve occultar, & encobrir sempre a resolução dos negocios. De tudo pode ser muito liberal hum Monarcha, porém em materia de segredos ha de ser mais apertado que todos; &

qu e

que bem ensinou Christo esta politica, quando se vio aclamado Rey na Cruz.

Naquelle sangue que o golpe de huma lança lhe tirou do Lado, querem communmente os Doutores que dêsse Christo os Sacramentos á sua Igreja *De latere Christi exierunt Sacramenta*, & merece reparo, que esperasse huma lançada para dar os Sacramentos: nos Sacramentos consistia o mayor bem da Igreja, porque a Igreja não tem mayor bem que a graça, & as fontes da graça estavaõ nos Sacramentos; pois se isto he assi, porque os não dá como de si o Senhor? Porque ha de esperar que lhos tire do peito a violencia do huma lança? Sabem porque, porque eraõ Sacramentos, & Christo estava intitulado Rey, & quiz mostrar ao mundo que fazia tanta estimação do segredo, que tirarlhe do peito Sacramentos era darlhe huma lançada no peito. Tão difficuloso ha de ser o Monarcha em rêder os segredos, que nem baste a mayor conveniencia para facilitar o coração a desvelos; sobre a mayor conveniencia ha de aver ainda muita difficuldade, ha de abrisse o peito Real quá do assi importe, com tanta repugnancia, que não pareça que diz segredos, se não que recebe lançadas; & na verdade que mayor lançada para hum Principe que tirarlhe do peito hum segredo? Nos Imperios não ha melhor columna da Magestade, que o respeito; a vida do respeito he a opiniaõ, a alma da opiniaõ he o segredo; senão ha segredo menos cabale ordinariamente a opiniam, senão ha opiniaõ diminuesce o respeito, & se não ha respeito, q outra coisa vê a ser a purpura mais villosa, senão hũa ignominia mais córada? Tãto como isto importa aos Monarchas o segredo, & communicalo vem a ser o mesmo que rompelo; os segredos são como as minas, que em tendo muitas bocas vapóra por ellas o fogo, & não fazem effeito; para hum segredo estar secreto não ha de ser comunicado, porque não ha segredo comunicado em segredo.

Perguntado Christo do Summo Sacerdote acerca de sua doutrina, respondeo desta maneira *Ego palam locutus sum mundo, & in occulto locutus sum nihil*: eu sempre falei publicamente ao mundo, & não disse nada em segredo. A resposta he tão verdadeira como da, da pella *summa* verdade; mas parece que tem sua duvida, Christo disse

disse algumas cousas em segredo, como consta dos Evangelistas todos, & baste o testemunho de S. Matheus no cap. 20. onde escreve que se retirára o Senhor muito em segredo com seus Discipulos, & lhe descobri o successo futuro de sua morte, & Ressurreição *Assumpsit duodecim discipulus secreto, & ait illis*: pois se Christo disse em segredo algumas cousas, como affirma agora que não dissera nada em segredo? Ora a razão he esta: he verdade que Christo disse muitas cousas em segredo, mas ainda que em segredo, disseas: & he tão pouca a sê que se guarda ao segredo no mundo, que dizer em segredo, valtanto no juizo de Christo, como dizer em publico; bastou considerar os segredos comunicados para logo os não avaliar secretos. Em materia de segredo não ha differença de dizer a dizer, tudo o que he dizer, he publicar, porque não ha paciencia no coração humano para calar o q̃ sabe; ou ha de dizer o segredo que lhe comunicarão, ou ha de dizer que lhe comunicaram segredos. Os menos Secretarios dizem o segredo que sabem, os mais fiéis se não dizem o segredo que sabem, dizem pello menos que sabem segredo. Esta foi a mayor fineza a que chegou a profundidade de hum Paulo: *Audivi arcana verba, quae non licet homini loqui*; esta foi a mayor excellencia a que chegou a fidelidade de hũ Iſayas: *Secretum meum mihi*: hum, & outro calava os segredos que sabia, mas hum, & outro não pode calar que sabia segredos: que a gloria de parecer familiar, & intimo, se sofre, que se oculte o segredo das cousas, das cousas não sofre, que se encubra a sciencia do segredo; & para se romper hum segredo, basta revelar que se disse o segredo, ainda que não se rende o segredo que se disse, porque se dà occasiã ao discurso, para que pelas noticias do segredo conjecture a qualidade dos negocios; que cousa mais retira da que o coração? Lá no retrete mais interior do peito o escondeo a natureza; & com tudo sô por aquelle sutil movimento que comunica às artereas, se conhecem seus achaques, & enfermidades. Não ha segredo seguro, porque não ha segredo calado, não disse bem; não ha segredo seguro, porque ainda o mais calado, se falla. Costuma o animo piffarse como o papel, & se lê por cima o que está escrito dentro, estranho silencio, diz a Escriptura, que guardara

Abalão

Absalam na vingança que Intêrava tomar de Amnã pela injuria que fizera a sua irmã Thamar; & no calar desse n.º e cuidado em calarse, entendo Ionadab os vingativos intentos de Absalam; & se nem o silencio si be guardar hum segredo, que segredo se pode esperar em silencio? Ouçamos para ultimo abeno desta verdade, húa proposição notavel do Sabio: *Gloria Dei est calare verbum*: A Gloria de Deos por anthecmasia; diz elle; he o silencio que guarda em seus segredos, que segredo significa ali a palavra *Verbum*, conforme S. Gregorio, & outros. Olhai cnde o Sabio soi pór a gloria de Deos; cuidava eu que a gloria era ser tão omnipotente que de nada produzio hum mundo; ser tão immenso que todo esse mundo, não bastea comprehender sua grandeza; mas que hum segredo calado essa seja a gloria de Deos? Si, eu direi o porque, em Deos ha tres pessoas, & não ha segredo em Deos que as tres pessoas não saibão; & que se cale hum segredo que sabem tres pessoas? que possão tres pessoas guardar segredo ao segredo? Singular gloria de Deos, tão difficultosamente se cala o que se sabe, que saber, calar, ainda em pessoas Divinas he o realce mayor de tua gloria: *Gloria Dei est calare verbum*. Veção agora os Monarchas com que segurança podem fiar seus segredos de pessoas humanas; & se por causa desta infidelidade, & facilidade do coração humano convem tanto esta cautela em qualquer materia de segredo, que será naquelle de que depende a conservação dos estados? Que será nos militares, em cuja fortuna estriba a gloria, ou a ruina das Monarchias? Nessas diga o Principe do Ceo como devem proceder os Principes da terra.

Fala Christo do dia do Juizo; & diz assi: *De die autem illa nemo scit, neq. Angeli, neq. Filius, nisi solus Pater*. O dia do Juizo, senão he o Pay, ninguém o sabe, nem os Anjos, nem o proprio Filho; varias são as exposições que dão os Santos Padres a este logar, & confessando todos catholicamente rendidos, que Christo em quanto Deos sabe quando ha de ser o dia do Juizo; Cyrillo loq. thesaur. capit. 4. com outros muitos sentes que na verdade Christo em quanto Homem não sabe quando ha de ser aquelle dia; & que encubra o Eterno Pay quando ha de ser o dia do Juizo a seu Fil-

lho? Notavel recato de Pay: Christo ainda em quanto Homẽ conhece todos os futuros, & successos de todos os mais dias do mundo; pois se o Pay lhe manifestou os segredos dos outros dias, por que encobre o segredo do dia do luizo? A verdadeira razã sabea Deos, leu só sei que os outros dias sãõ dias em que Deos assiste ao governõ politico do universo, o dia do luizo, he dia em q̃ Deos hade dar batalha gẽral a fogo & sangue ao universo toda, & o segredo de hum dia de batalha, nem de seu filho parece que o fia Deos: saiba embora Christo os segredos que pertencem ao conselho de estado; porẽm o segredo da guerra nam o ha de saber ninguem mais que o Pay; *Deus illi, nemo scit nisi Pater.*

A felicidade das batalhas depende mais de misterio, que de verdadeiro; a maior prevençã sabida de safoa cuidados, a menor ignorada multiplica receyos; hum piquenõ ribeiro em quanto não se deixa vadear, atemoriza: o rio mais caudaloso se chegou a vadearse não se teme: a tormenta tanto tem de perigosa quanto tem de repentina: se a nuvem no relampago descobrio o temporal, hum barco escapa; se o nam descobrio o maior galeam geme: que embarçado se achã naquelle que primeiro se vio ferir, do que reluzira espada: Ou o desaffombrado o outro a quem prevenio o ruidos, antes que divizasse as armas: Pellos successos se hão de conhecer as empresas; que não ha empresa com successo se he descuberta antes de ser effectuada: Nũca Saul pode haver às mãos a David; porque sempre soube antes David o que intentava Saul; a segurança da victoria não está so em pôr o peito valetozamente ao inimigo, senão em furtar tambem ao inimigo o pecto; nas batalhas a peito descoberto sempre foi mais certo o perigo, que o triumpho. Rompia Germanico com facilidade o campo de seus contrarios; ipoteco como diz Tacito, primeiro lhes rompia os segredos do campõ. Contra a culpa por Deos em campanha sua Divina graça; mas como batalha a graça Divina? Batalha tão armada de segredo, que com sete Sacramentos se arma. Os Sacramentos levão a vanguarda nos combates da graça com a culpa, & não ha culpa mortal yncida se fultã no combate os Sacramentos. Se o mesmo Deos não acompanhara os sete Sacramentos o valor de sua graça que

importára o mayor valor dos homens sem nenhum Sacramento? E como em matéria de segredo he necessaria tanta cautella, por isso nem Thome se atreve a meter a mão no Lado aberto de Christo, se não a imperios do mesmo Senhor, nem o Senhor ainda que concede o toque permite as vistas a Thome: *Affer manum tuam, & mitte in latus meum.*

Entrou a mão de Thome no Lado de Christo, mas não entrou para o fechar, tão aberto o deixou como estava; bem cuidou eu, que se Thome pedira ao Senhor que o fechasse, q̃ facilmente o alcançara, porque quem o deixou aberto contra os privilegios de glorioso, porque o havia de pedir assi Thome, tambem o fechara se Thome assi o pedira; & que o não pessa Thome? Que o deixe patente para os outros? Que não pretenda ser unico no favor? Ora esta he hum das gr̃as excellencias do Apostolo, ser hũ Ministro de cõdição tão generosa q̃ não quiz ser singular na graça de seu Principe: sobir ao valimẽto, & aspirar logo á singularidade isso açõtece a todos; chegar ao lado, & não o fechar para todos he singularidade de Thome.

Levanta Christo a S. Pedro ao grao mayor de sua privança, dallye o Summo Pontificado de sua Igreja, & logo diz o Texto Sagrado, que voltando Pedro os olhos, vira a João seguindo a Christo, & que como o viu perguntára ao Senhor: *Hic, autem quid?* E este que ha de ser d'elle? admiravel successo na verdade! Todos os outros Discipulos vinhão em seguimento de Christo, & que vindo derradeiro sô com João fossem topar os olhos de Pedro? & que nunca se lembrasse Pedro de procurar o que havia de ser de Ioam se não agora? Pois Pedro, donde agora tanto cuidado de Ioão? Não era cuidado que Pedro tivesse de Ioão, erão cuidados que Ioão dava a Pedro: Ioão era privado antigo de Christo, Pedro viasse valido de novo, & como se vio assi valido, parece que não quetia a Ioão privado, reparaí bem na pergunta: *Domine hic autem quid?* Senhor, & Ioão que ha de ser? Quem pergunta o que ha de ser Ioam não quer que seja Ioão o que era, quer que seja outro do que fora; que saber do Principe hum novo valido o que ha de fazer do antigo privado, não he procurarlhe o augmento, he sollicitarlhe a mudança. E assi parece que o entende o mesmo Evangelista, por

que havendo de referir esta pergunta de Pedro, veja-se a miudeza de palavras com que o faz. *Conversus Petrus vidit illum discipulum, quem diligebat Iesus*, virandose Pedro, vio aquelle Discipulo a quem amava o Senhor: *Qui recubuit in caena super pectus Domini*; aquelle que na cea esteve reclinado sobre seu peito; *Et dixit Domini quis est qui tradet te?* E aquelle que lhe perguntou quem era o treidor: *Hinc ergo cum vidisset Petrus dixit: hinc autem quid*; aeste pois como visse Pedro perguntou ao Senhor que havia de ser delle; como que quizesse insinuar o Evangelista, que da muita privança que Pedro advertira em João, nacera o cuidado de Pedro, & que solicitava o que havia de ser do amado, porque dezejava o amado em outro ser; que de ordinario succede isto nas Cortes do mundo? Não ha subida de Pedro que não seja queda de João; nas cinzas da diminuição alheia se fabricam as montanhas do valimento proprio. Aquella pedra do sonho de Nabucho para se levantar a monte, reduzio a cinzas a estatua: que não ha ajuntar a altura da estatua com a grandeza da pedra: ou a pedra não ha de ser monte para que persevere a estatua; ou a estatua ha de sentir sua ruina, para que seja monte a pedra: & que não se contente com crescer a montanha, a pedra mais tola, se não que de caminho ha de dar em terra com a estatua mais dourada? Terrivel estilo de crescer! Os Principes costumão comparar-se com o Sol, & se o Sol tem cabedal de rayos para illustrar francamente luzido a milhares de estrellas, porque ha de querer hum só estrella limitar-lhe ás suas conveniencias os rayos? Altro envejo so, se es Marte esforçado deixa luzir a Saturno prudente, que tanto sol te fica como Saturno leva; & se es Iupiter illustre, deixa resplandecer a Mercurio Sabio, que não te saltarão luzes por muitas que possas Mercurio. De outra estrella te zelas? De outra estrella te temes? Pouca deve de ser tua pompa; porque luz que para apparecer ha mister tudo em trevas, não he grande luz. Tão longe estava Thomé de pretender ambicioso, singularizar-se nos favores de seu Senhor, que antes generosamente desentereçado, com aquella mesma mam introduzio a muitas almas na graça de Christo, communicando a todos por meio do baurismo a se que naquella Lado recebera. Exemplar valente de favorecidos, que não só não devem o

estan-

estanciar em si, senão que devem dilatar a outros os benefícios que gozam. Nam se pode negar aos montes que recebem mais, & primeiro as luzes do Sol, que os valles, que isso fora ignorar a mesma natureza entre as queixas da fortuna, porém devem os montes contentar-se com ser montes, & nam sublimar-se a ser nuvens: duas visinhanças tem de seus raios o Sol, as nuvens no ar, & os montes na terra; as nuvens de tal maneira recebem sua luz, & se ornão com raios, & se douram com elles, que logo os reverberam liberes aos valles, logrem pois os maiores, & mais ditosos de perto as luzes reais, porém nam sejam nuves que sobre afermoscarse as encubão, sejam montes que sobre illustrarse as communicuem, sejam como Thome que sobre nam queter só para si a graça do Lado, elle mesmo convidava a todos com a graça de Christo.

Iã reparamos porque esperara a mam de Thome imperios para entrar, *affer mitte*; agora respiro porque nam esperou imperios para sair; porque nam procedio aquella mam ao sair, assi como procedera ao entrar? Tam vagarosa na entrada, & tam apressada na saída? Oh que admiravel doutrina nos dá aquelle mam! Em Christo havia duas naturezas, a divina, & a humana, era Deos, & era homem; lograva no lado a graça de Christo como homem, Thome nam lograva a graça de Christo como Deos: Lograva a graça de Christo como homem, porque entre os homens nam ha maior graça, que dar o lado: nam lograva a graça de Christo como Deos, porque era necessario que depuzesse a infidelidade para conseguir a graça. Ter a mam no lado era indicio de infidelidade, pedir o lado: *nisi mittam manum meam in latus ejus, non credam*: A se podia que deixasse o lado, & se confessasse reconhecido a Christo, pois vendose Thome com a graça humana, & sem a graça de Christo como homem, por ganhar a graça de Christo como Deos; assi estimava Thome a graça de Deos, & assi nos advirte que a estimemos todos: Ordinariamente andam de batalha a graça de Deos, & a graça dos homens, & ordinariamente lae vencida a graça de Deos, & eu nam sei porque ha de succeder á graça de Deos esta desgraça? Porque a graça de Deos tem todas as razoes para ser estimada, a graça dos homens tem muitas para nam ser apetecida. Notemos brevemente

te algumas para que se veja melhor a boa eleição de Thome, & a injusta sem razão nossa.

A graça de Deos he muito facil de alcançar, daffe a quem a quer, se fazeis pella merecer nam vola pode Deos negar; A graça dos homens he muito difficultosa de conseguir, porque se dá somente a quem quer o R: y; ainda que façais muito pella alcançar, em quanto nam quizer o Principe nam a haveis de possuir; Servis com Germanico, sociegis tu multos, desbarataes exercitos, engeltais a purpura, & com tudo nam privais, porque nam quer Tyberio. Os merecimentos estam em vossa mão, porém a privança está na vontade alheia, bem podeis servir se quizeres, mas por mais que queiraes nam haveis de privar se nam querem.

A graça de Deos se he facil de alcançar, he difficultosa de perder, a graça dos homens he tam facil de perder, como difficultosa de alcançar. Para perderes a graça de Deos, que alcançastes com hum ó obsequio nam bastam muitas venialidades juntas, bem pode hum homem cometer culpas veniaes, & com tudo ficar em graça de Deos; para perderes a graça dos homens, que vos custou muitos serviços qualquer venialidade basta. Aquelles dous privados de Farao, depois de tantos annos de firmezas, acharam se hum dia inopinadamente caidos de sua graça, & metidos em hum carcere; & porque culpas? Porque no pão que hum lhe levou hia hũa pedrinha, & na coppa q o outro lhe poz se vio hum mosquito; Olhai a graça do mundo, huma pedrinha a quebra, hum mosquito a offende; os serviços destes homens foram de muito cuidado, sonhavam com sua obrigação: *Somniū vidimus*; a culpa foi muito acazo; *accidit ut peccarē*, & perderam por hũ acazo de culpa, o q ganharam cō muito cuidado de serviços; & graça q hũa pedrinha a quebra, he graça muito de vidro; & graça q hũ mosquito a offende, he graça mais que de vidro.

Parece-vos muito isto? Ora aguardai, que ainda nam disse muito, & quantos cahiram da graça dos homens sem nenhum genero de culpa? Eis aqui outra grande differença, que vai da graça de Deos à graça dos homens: para perderes a graça de Deos, he necessario que haja culpa, & que seja mortal; & para perderes a graça dos homens, não he necessario q seja mortal, nẽ que haja culpa. Dizelme: A mão
quiza

quiz algum dia atrevido violar o thalamo de Affrica? Nem lhe passou pella imaginação. Daniel pretendendo algum dia sedicioso inquietar a Monarchia dos Assirios? Nem o sonhou nunca; & com tudo Amam por atrevido morre em huma forca; Daniel por sedicioso está no lago dos Leões. Ha sem razam igual a esta? Daniel homem tam privado, & hoje tam de fvalide, & isso sem culpa? Por suspeitas de Affucro contra Amam, por inveja dos Assirios contra Daniel? Ah! vereis o que he a graça dos homens porque tanto suspirais, mas ainda disse pouco.

A graça dos homens nam só se perde sem obrar, atè com obrar bem se perde. Quando nam houvera outra razam esta só bastava para fazer de maior estimação a graça de Deos, que a graça dos homens: a graça de Deos alcançate com boas obras; a graça dos homens ainda com as obras boas se offerde. A quantos se originou o aborrecimento do Principe das mesmas finezas que obraram em seu serviço? Digao Imio Blefo, a cujos obsequios correspondeo Vitello com odio quando devia favores. Digao Sillio cuja singular fidelidade em reprimir aos soldados na rebelião que intentavam contra Tiberio, o privou de sua graça. Digao David que matando a hum gigante, terror dos exercitos de Saul, por humia pedra que despedio com tãta ventura no campo, achou humia lançada no Paço. Idolos sam communmente os Principes, cujos olhos como ad-virtio Jeremias, cegam com o pò dos mesmos que entram a ador-los: mais costumão premiar descuidos, que finezas, porque tem o reconhecimento por especie de cativoiro, couza incompativel com a Magestade; & julgam por menos pezada a nota de ingratos, que a obrigaçam de agradecidos; de maneira, que não ha couza alguma que segure a graça dos homens, ou haja culpa, ou não haja culpa; ou obreis mal, ou obreis bem, sempre periga a graça.

A graça de Deos não vò la tira Deos pello que haveis de fazer, ainda que Deos saiba que aveis de peccar de futuro, nem por isso vos priva da graça presente: na graça dos homens basta prezumir-se que podeis vir a offender, para logo vos desapestare da graça. Imaginãrão os grandes da Corte del-Rey Achis que David por congratarse com Saul podia maquinar contra seu Imperio, & des-

terrão

terrou Achis de sua graça a David; & qué me hão de tirar a graça não pello que fiz, se não pello que se cuida que posso fazer? A graça de Deos, he premio dos bons pensamentos, & que pellos maos pensamentos alheos hei de perder a graça? Que saya David desterrado da Corte porque os Satrapas o profetizaram delinquente no campo? A graça perdida, & as culpas sômenté profetizadas? E ha quem arrisque a graça de Deos pella graça dos homens? Nam sei que resoluçoens sam as nossas.

Pera perder a graça de Deos nam basta a certeza do futuro, & basta a emmenda do passado pera tornar á graça de Deos. Na graça dos homens nem pera o futuro val a incerteza, nem pera o passado a emmenda; tiram vos a graça pello mal que podíeis fazer, & por mais que emmendeis o mal que fizestes, nam vos restituem a graça; na graça de Deos perdida, qualquer contrição he remedio, na graça dos homens perdida nam ha remedio na maior contrição. A graça de Deos causa esquecimento de tudo o que fostes, & só vos faz estimado pello que sois: por grande peccador q̃tenhais sido, se vos pondeis em graça, ja nam vos conhece por injusto; na graça dos homens, nam basta o que sois, pera pôr em esquecimento o que fostes; antes se algum dia fostes menos, nunca ha mais lembrança do pouco que fostes, como quando se vê o muito que sois. Falavam os grandes de Assírias com Dario acerca de Daniel, & na m o tratavam menos, que de cativo. Daniel *de filijs captivitatis*: Falava o outro cortezam com Iozaphat acerca de Eliseo, & chamou-lhe criado de Elias, *Est hic Eliseus, qui fundebat aquam super manus Elias*: Pois valhame Deos assi se trata hum Daniel? Assi se trata hum Eliseo? Daniel que he a maior privança de Dario? Eliseo que he o oraculo dos maiores Principes? Que quereis; esse he o costume do mundo, por mais valimento que tenhais fostes vós algum dia cativo? Pois haveis de ser cativo, ainda quando sois privado; fostes vós criado de Elias? Pois haveis de ser criado de Elias, ainda quando sois privado dos maiores Principes; vós tereis a maior privança, mas por mais de marca que seja, a privança vós haveis de ser privado de marca; vós sereis Oraculo de Monarchas, mas as profecias em vossa boca ham de ser obsequios de Elias. Finalmente a graça de

de Deos he tal, que estimam os bemaventurados a gloria, porque he segurança da graça; se na bemaventurança se püdera perder a graça, não se amara a gloria; & que maior excellencia da graça de Deo? E he que tal he finalmente a graça dos homens? He hum gosto assustado, hum desassossego doce, hum reclamo de invejas, hum espartador de calumnias, hum ensayo de tragedias, hum vapor metido e n nuvem, hum nada disfarçado em muito, data da fortuna, premio da lisôja, embaraço das consciencias, & chave ordinariamente do inferno; he hũa falsa q sobe para acabar, hũa exalação q arde para não ser, hũa sol q nasce para se por, hũa Lua q cresce para diminuir, hũa vento q assopra para acalmar, hũa roda q se empina para decer; pois se esta he a graça dos homẽs, se esta he a graça de Deos, com muita razão se apressa Thome a ganhar a graça de Christo como Deos, ainda que perca a graça de Christo como homem; & então anilaremos nós mais discretos quando a imitação sua seja não estimarmos mais a graça dos homẽs, q a graça de Deos.

Ten satisfeito Thome, ganhado as obrigações de Origo; tempo he já que acuda Thome perdido aos empenhos de Padroeiro; mas como poderá ser Padroeiro Thome perdido? Cõ propriedade grãde ao proveito do mundo todo, diz S. Agostinho, q se encaminha-vão as duvidas de Thome, & que errava elle, pera que não errasse os outros: *In his Apostoli verbis mundi utilitas agitur, uni interrogatio universitatis est instructio*. De maneira que a perda de Thome era beneficio do mundo, porque soubeisse o mundo ganhar-se, por isso se perdeu Thome; Pois se o bem do mundo era motivo da perda de Thome, não ha duvida que o bem de Portugal era muito particularmente motivo de sua perda. Quando o Evangelista vai a contar o erro de Thome, faz hũa nota vel advertencia, & diz que se chamava Didimo: Thomas, *Qui dicitur Didimus*; Didimo quer dizer gemeo, & se Thome errava como gemeo, Portugal era em profecia o Irmão; porque assi como das Chagas de Christo renaceo Thome fiel, assi tambem das Chagas de Christo nasceo Portugal Reyno, & assi como Thome renaceo fiel para levar a Fé ao Oriente, assi tambem Portugal nasceo Reyno para levar ao Oriente a Fé; pois se Thome se perde como Irmão de Portugal, quem duvida q

com cuidado muito particular attendia em sua perda a nosso bem? Se os erros de Thome erão cautelas pera todos, muito melhor seriam advertencias pera o irmão; & sendo isto assi, não pode haver melhor Padroeiro que Thome perdido. A carta de marcar não está perfeita, porq' assinala os portos, as distancias, as alturas, senão por que mostra os perigos, o baxo, a ponta, o cabo; mais importa saber don se se hade fugir, que aonde se hade chegar, & devemos mais á desgraça que encontrou com a penha, do que á ventura que descobrio o porto. Este favor pois devemos a Thome, que pera nos acutelar a nós, se perdeu a si, & por nos deixar descobertos os baixos mais perigosos no dilatado mar de nossa Monarchia, naufragou desgraçado; mas a infidelidade nossa, foi q' com ficarem descobertos os baixos, não soubemos, ou não quizemos evitar o perigo, & poderá ser que por isso esteja hoje perdida a India, porque sendo os erros de Thome cautella, fizem os delles imitação, & exemplo: Vamos aos erros, & chorará a India seus descuidos.

Nolli esse incredulus, sed fidelis; não queirais ser incredulo, (enão fidel, disse Christo a Thome, em estas poucas palavras cistrou a maior occasião de seus infortunios: *Noli*, não queirais, na vontade achou Christo a infidelidade a Thome, & este foi o seu primeiro erro, governar-se pella vontade; quando os condiscipulos disserão a Thome que tinham visto ao Senhor resuscitado, se elle consultara ao entendimento, achara razoes muito forçosas pera crer, assi por parte da verdade dos companheiros, como por parte da omnipotencia do Senhor, mas como consultou a vontade, achou somente motivos pera duvidar; porque o amor proprio (como diz S. Sitylo) agravado de que lhe faltasse a elle o favor que se fizera, aos outros persuadio incredulidades: *Marore quia ipse quoque non viderit, asfectus ad infidelitatem delabitur;* Não menos desordenados que isto são os ditames da vontade: E esta he a primeira advertencia que fez Thome aos Portuguezes pera evitar desacertos no governo de sua Monarchia, reger pello entendimento, & não pella vontade.

Quem rege pello entendimento pode governar bem, & pode governar mal; quem rege pella vontade nunca pode governar bem, a razão he muito evidente; porque quem rege pello entendimento
se

Intende mal, governa mal, se entende bem, governa bem: quem re-
pella vontade, ou queira mal, ou queira bem, sempre gover-
na mal, se quer mal, governa com paixão, se quer bem, governa cõ
cegueira; & com tais lados como s.õ cegueira, & paixão, que go-
vno pôde esperar acertos? Pera que huma Republica seja bem
governada hade haver nella castigo, & premio; castigar delitos, &
premiar merecimentos, são os polos sobre que se funda hum go-
verno ajustadamente politico, & nenhũa destas cousas pode fazer
oem a vontade; porque se ha cegueira, se ama, dará tal vez o premio
a quem merece castigo; se ha paixão, se aborrece, dará tambem o
castigo a quem está merecendo o premio: & digao hum dos maio-
res culpados, & o maior dos innocentes, que vio o mundo.

Remeteo Pilatos ao parecer dos Fariseus a causa de Christo, &
a causa de Barrabas: *Quæ vultis dimitam vobis? Barrabam; an Iesum,*
qui dicitur Christus? A quem quereis que solte, a Barrabas, ou a Ie-
sus, que se diz Christo? Resolveram os Iudeos: & quem vos pare-
ce que foi o condenado, quem q livre? *At illi dixerunt, Barrabam:*
O livre foi Barrabas, o condenado foi Christo. Quem houvera de
imaginar de homens racionais sentença tão barbara como esta?
Christo era bemfeitor deste povo, era o remedio commum de suas
necessidades: pello contrario, Barrabas era hum ladraõ publico, ho-
micida de muitas vidas, & cabeça de grandes insultos; pois como he
possivel que homens com razam dessem a vida a Barrabas, & a ti-
rassem a Christo? Nas palavras de Pilatos está a rezaõ: *Quem vultis:*
Quem quereis? devolveose este juizo ao parecer da vontade, &
não ao vosso do entendimento, & onde a vontade sentenceava, que
outras podião ser as resoluções: Onde vota a vontade, livramse as
culpas, & condemnãose as innocencias: vive hum Barrabas, &
morre hum Christo: & Republica onde os merecimentos andam
crucificados, & os delitos soltos: Republica onde os Christos pere-
cem, & os Barrabazes triumphão: ò que desordenada Republica,
& arriscada! Desordenada, porq̃ lhe hão de saltar os homens, arris-
cada porque lhe ha de saltar Deos.

Haõlhe de saltar os homens, porque como se animará a servir hũ
homem se vê ao benemerito com a Cruz ás costas, & ao venturo-
so a

to a Cruz no peito? Como se alentará a padecer os trabalhos, & perigos de huma campanha, se vé que o valor leva as feridas, & avalia os premios? Se mais alcança o sangue que corre pellas veas, do que as veas q' generosamente derramaraõ o sangue? Se pera os Davids, que dispararão a funda, & derrubaraõ a Gigante a machadas, & pera os Hadrieis que ficaraõ olhando desdê os atayais ha favores, quem haverá que trabalhe, quem haverá que pelcixe, Christo não levou consigo ao Monte Olivete mais que os tres Discipulos que levâra consigo ao Monte Thabor; porque só quem recebeu merces no monte das glorias, esperou assistencias no monte das penas, & cõ tudo cõ serẽ todos tres tanto de ante mão favorecidos, Diogo fugio cobarde, Pedro negou infiel, sò João chegou constante ao calvario: se os homens ainda premiados faltão, sem premio como haverá homens?

Halhe de faltar tambem Deos, porque he palavra sua no Ecclesiastes, que não conservará os Reynos onde ouver injustiças. *Regnum transfertur de gente ingentem propter injustitiam*: as injustiças da terra abrem a porta á justiça do Ceo. Quem passou o Imperio dos Affrios pera os Persas, dos Persas pera os Gregos, dos Gregos pera os Romanos? As injustiças: este he o vento que tempestuosamente inquieto revolve o mar das Monarchias, & com variedades tão notaveis o arroja de hũa parte pera a outra: que Deos tenhã olhos pera ver neste mundo a hum justo opprimido, & a hum vicioso levantado, não he falta em sua providencia, porque tem hũa eternidade, onde com a fortuna das almas desconta a desigualdade dos corpos; porẽm nas Monarchias não ha mais que corpo, não tem alma que Deos haja de chamar ao juizo na outra vlda; & assi pera cumprir com sua providencia, quando nellas se achão sem razoes, & injustiças, he força que aqui as castigue, faltará Deos ao credito de seu justo governo, se a caso não faltara á conservação de hũ governo injusto. Estes são os males q' traz consigo o governo da vontade, advertidos na desgraça de Thome, mas debalde advertidos, porq' como eu julgo q' se perdeu a India, porque ha annos muitos que se rege pella vontade, nem premio pera benemeritos, nem castigo pera facinorosos, dizem que ha naquelle estado; & isto he
certo

certo que procede de que a vontade tem o mando; a vontade dos ministros faz o processo das culpas, a vontade dos Ministros; o memorial dos serviços: da qual nasce que de muitos que vem da India, são das pachas os que ouverão de ser castigados, & não são ouvidos os que ouverão de ser adiantados; (ohum bem tem esta vontade que não he muito difficultosa de grangear, se não prestasse facilmente, a qualquer rendimento se rende. Pello menos a sospeita está por esta parte, porque dos n esmos peões, & officios donde naquelles melhores annos dos antigos Portuguezes vinhão os Ministros a este Reyno com livros muito limitados, vem em nossos tempos com excessivos livros: lacob pera augmentar as suas ovelhas, tireu a hũas varas a rama, as felhas, as flores, os frutes, & a casca, de sorte q por isso crecia o gado, porque se descascavão as varas. Se agora vẽ as varas tão vestidas de rama, tão cubertas de folha, tão ornadas de flores, & tão carregadas de frutes, que havemos de cuidar senão que tudo he lãa das ovelhas? E se nũs tão inadvertidamente empenhados fomos dar no mesmo baxo em que perigou Thome, que minto, que naufragasse o Oriente?

Errou tambem Thome, porque cegamente inconsiderado comeceo materias da sã à vontade. *Noli esse incredulus*: a esfera da vontade entendese o amor, não chega ao que se sabe a vontade fazer actos de amor, não sabe produzir actos de sã, & como Thome metteo a vontade em cousas fora de sua esfera, errou a vontade, & perdeu se Thome: & que cuidadoso de nosso bem se perde; a boa fortuna nos successos de hũa Republica depende toda da conformidade dos negocios com o genio dos Ministros; a capacidade, & inclinação dos sujeitos ha de fazer a eleição do officio, que da proporção do instrumento, como materia resultaõ os primores da obra: os homens dentro de sua esfera procedem muito ao natural, fora della obra muito ao violento, & as açoes pera sahirem perfectas não hão de ser filhas da violencia, hão de ser parto da natureza.

Constitue Deos a Adam Principe universal do mundo, & diz *effi: Denominamini piscibus maris, & volatilibus celi, & universis animantibus, que moventur super aquam*: Dominareis como Senhor, occupareis como Monarcha aos peixes do mar, as aves do Cœo, & aos

animais da terra: Assim he Deos, & reparava eu porque havia de dizer assi: aos peixes do mar, ás aves do Ceo, aos animais da terra, pera que he esta superfluidade de palavras? bastava dizer aos peixes, ás aves, aos animais, porque *clamo* está que os animais são da terra, as aves do Ceo, os peixes do mar: por que atreventa Deos aos peixes do mar, as aves do Ceo, os animais da terra? A terra he a esfera dos animais. O Ceo he a esfera das aves, mar he a esfera dos peixes, & quiz Deos lembrar a Adam as esferas dos subditos, pera que ficasse advertido, que por ellas os havia de governar elle, *Domine Adam*, aos peixes: (como se dissera Deos) mas advirta que hum del'fim he do mar, *piscibus maris*, pera que lhe não ordene cousas da terra: presida aos animais, mas repare que hũ Leão he da terra: *bestijs terra*, pera q'lhe não e'carregue emprezas do Ceo: governe as aves, mas note que hum a Aguia he do Ceo: *volatilibus cali*, pera q'lhe não cometa negocios do mar: ocupe ao del'fim no mar, a aguia no Ceo, ao Leão na terra, não mande voar ao Leão, que será precipitalo: não mande nadar a Aguia, que será afogala; não mande andar ao del'fim que será destruil-lo.

Assi instituiu Deos ao primeiro Monarcha, & assi he necessario q' se proceda em todas as Monarchias: nas eleiçãoes pera os officios; hãse de atender à natureza dos eleitos: não se hão de dar as pessoas aos cargos, hãose de dar os cargos às pessoas. O esforço seja Leão da campanha, o engenho seja Aguia dos conselhos; a experiencia seja del'fim das agoas; que obrar de outra sorte será encommendar cousas do mar ás aves, negocios da terra aos peixes, materias do Ceo aos animais, & em lugar dos acertos que pretendem, tudo serão desacertos.

Lá quiz S. Pedro levantar tres tendas no Thabor; & responde o Evangelista que não sabia o que dizia; *Nesciēs quid diceret*; & não podia deixar de ser assi? Pedro era pescador, & toda sua vida avia gastado em fazer redes; pois hum pescador como podia meterse a exercitar com acerto o officio de architecto? Hum homem que só sabia remendar redes, como he possível que acertasse a armar tendas, & traçar cazas? Claro está que havia de errar tudo: não he o mes-

moter boa mão pera a pesca, que ter mão pera architectura: pel-
 que Pedro, & não se meta em levantar fabricas; que na pesca fará
 milagres, & na fabrica fará desordens. Querer em hũa Republica q
 assista no tribunal, quem sempre assistio na campanha, & querer
 que assista na campanha, quem sempre assistio no tribunal, he que-
 rer que erre na fabrica, quem soubera acertar na pesca. A natu-
 reza não deu a todos iguais qualidades. pera tudo: são os animos
 dos homens tão differentes como seus rostros, & se nas occupa-
 ções não se atender â capacidade, & intelligencia das pessoas, nem
 se conseguirão os intentos, nem se evitarão os perigos. Ainda hoje
 chora Ethiopia, & mostra nos corpos adustos de seus habitadores
 o mau conselho de Apollo (se he licito valermos da moralida-
 de dos antigos em suas fabulas) por haver entregado o car-
 ro da Luz a seu Filho Phaetonte, mancebo inexperito, & in-
 capaz de tão alta empreza: que se faltão as prendas necessarias
 não basta ser filho do Sol, pera guiar com acertos os carros
 mais luzidos do governo; não ha eleição feita por fasto, que
 não tenha seus desfares: a experiencia descobre, & gradua
 os fogaetos. Do Sol sei eu que pera o fazerem presidente do
 mundo, primeiro lhe provarão a sufficiencia dos rayos, &
 depois de ser tres dias luz, ao quarto o levantarão Sol.
 Formar hum julzo, não he o mesmo que reger huma ar-
 mada; governar huma praça não he o mesmo, que ordenar
 hum exercito; se se confund rem os ministros, como he pos-
 sivel que não seja tudo confusão nos officios? Ordene pois o
 exercito o soldado, governe a praça o politico, reja a armada o
 intelligente, & forme o julzo o douto; que de outra maneira será
 arriscar o julzo, a armada, a praça, o exercito, & o mesmo estado.
 Não me meto a inquirir se acizo se perdeu a India, porque lhe
 faltasse em nós este cuidado; o que sei he que perdemos ha muitos
 annos naquel a conquista as batalhas, as praças, & as armadas. *No-
 li esse incredulus.* Destes desacertos de Thome veio a precipitar-se tão
 infelizmente arrojado, que saliou à Fé que devia a Deos, & arris-
 cou-se a ficar eternamente privado do melhor Reyno que he o Ceo.
 Mas que attento a nosso bem se arrisca! Aqui nos descobrio Thome
 o peti-

o perigo maior da Monarchia mais florente. A maior potencia tem seu principio em Deos: antes que na terra se coroação os Rey em sua eternamente: se coroação que dão primeiro movel aos orbes o dá tãẽ aos Imperios: a Republica que como Luã não tiver sempre os olhos attentos ao resplendor do Sol divino, brevemente ver ecclipsado o orbe de seu poder: o zelo da Fé, a piedade da Religião, o cuidado da ley, he a baze em que se levantão, & seguranças Monarchias: entre os Hebreos, quando se coroavão os Reys, mandava Deos que lhe puzessem a Thyara do Reyno na cabeça, & o Deutoronomio da lei na mão, pera que entendessem, que com o cuidado da lei se conservava a soberania da Thyara. Nabucho o mesmo foi perder o respeito ao templo de Hyerusalem, que perder o imperio. Balthazar na mesma hora, em que profanava sacrilego os vasos sagrados, nessa mesma lhe escreverão a sentença de sua destruição. Saul no mesmo ponto em que rasgou inconsiderado a capa de Samuel ministro de Deos, nesse mesmo lhe decretou o Senhor a expulsão do Reyno. *Scidit Dominum regnum à te hodie*; que não sofre o Ceo, que se fação violencias aos ministros de lei, & quando estas são as consequencias da pouca fidelidade pera com Deos, que melhor nós podia patrocinat Thome, que negar incredulo (como diz S. Agostinho) pera que nós fossemos fieis? *Quam bona infidelitas, que seculorum fidei militavit*: mas não sei se diga, q nos tirou Deos a India, porque se acabou nos Portuguezes aquelle zelo da Fé, aquella piedade da Religião, que noutra tempo tanto floreceo.

Quando conquistamos aquelle estado, não sei Cidade, nem fortaleza aonde o Ceo não favorecesse milagrosamente nossos intentos: na tomada de Goa, Ormus, & Malaca ajudou visivelmente ao grande Affonso de Albuquerque o Apostolo Sant-Iago: em ambos os cercos de Dio foi vista a Virgem Senhora nossa, já rebatendo contra os mesmos inimigos suas setas, & seus pelouros, já tapando com sua beneditão os ouvidos das peças, pera que não tomassem fogo contra os Portuguezes. No cerco de Chaul, S. Barbara servio de Côdestavel de nossa artilharia, ella borneava as peças, ella lhe dava fogo, que como tambem acertadas fazião horrendo estrago

estrageo nos Mouros. Em Ormus vio D. Frâncisco Górea hũ rizo sobre a armada inimiga, portêto fatal de sua perda. Em Ceilão vio Lopo de Brito hũa lança no ar, que brandida contra os Chingalás, lhes pronosticava ruína. Em Borbaim vio Lopo Vaz de São payo hum alfanje de fogo, que pelejava contra os Malavares: assi nos assilia o Ceo antigamente, heje não ha huma assilencia destas; donde procederá isto? Procede de que antigamente os Portuguezes trazião o augmento da Fè muito diante dos olhos, hoje nenhuma coysa trazem menos diante dos olhos que o augmento da Fè: antigamente interessava o Ceo nas nossas emprezas a conversão de muitas almas, hoje estorvase a conversão das almas pellos nossos interesses: antigamente assiliase com liberalidade franca aos Ministros do Evangelho, em nossos tempos chegarão a verse fechadas as Igrejas, por não haver o necessario pera a administração dos Sacramentos: antigamente favorecião se os convertidos, hoje opprimem se: antigamente havia hum D. Constantino de Bargaça, que portitar hũa ecclesia de idolatria queimasse aquellerão celebre dente do Bogio, & com elle trezentos mil cruzados, que lhe offercião pello resgate, hoje por menos cruzados, poderá ser que ficasse adorado o deñte: pois com isto queriamos India? Com isto queriamos que o Ceo attendesse a nossas fortunas? Deos levantou a Portugal em Reyno no Campo de Ourique pera levar o Evangelho pello mundo todos: *ut feratur nomen meum per exterar gentes*: com esta condição nos derão o Reyno, & se nòstaltamos a ella, se impedimos a conversão do Evangelho, senão tratamos de ganhar as almas pera Christo, como não havemos de perder nossas conquistas?

O meio mais conveniente pera ter a Deos prospicio em nossos successos, & o maior soborno, cõ que podemos concluir seu affecto he o bem das almas, porque huma alma, he a cousa que mais estima Deos. Vai Christo descrevendo as condições de hum bom pastor, & remata com esta notavel sentença: *Propterea me diligis Pater, quia ego pono animam meam*. Meu eterno Pay por isso me ama, porque eu hei de dar a vida pella redempção das almas: Senhor que dizeis? Como pode ser, que por essa causa vos ame o Pay? por que vòs morreis pellas almas? Entre dous objectos amados, aquelle

se ama mais por cuja causa se ama o outro; se vosso Pay vos ama por amor das almas, logo mais ama as almas do que vos ama a vós: que quereis que diga? Assim o ensina Christo, & havia razoes no Pay, pera elle o publicar assim. Via Christo a seu eterno Pay tão satisfeito, de que elle se offerecesse á morte pella salvação das almas, que parece que não o amava tanto, porque era filho, quanto porque morria por ellas: *Propterea me diligit Pater, quia ego pono animam meam*: Se a salvação das almas he motivo do amor de Deos pera seu Filho, nós que não somos filhos, como grangearemos seu amor estorvando o remedio das almas? Se queremos que Deos nos assista, que nos restaure a India, que nos prospere o Reyno, sobornemos sua graça com lhe offerecer muitas almas.

Assi o faremos glorioso Otago, & divino Padroeiro Thome, & pera que sejam efficazes as advertencias de nossas felicidades em vossa desgraça, debaixo de vossa protecção, & amparo, esperamos executallas: Encomendamos a Magestade soberana de nesso Monarcha, em cuja real pessoa confiamos, que desempenhará Deos suas promessas: pois he justo que hum Reyno, que deve a gloria de Reyno ao grande nome de Affonso, deva tambem a soberania de Imperio ao mesmo nome: assisti cuidadoso a seus intentos, patrocinaí sua vida, favorecei suas acções, pera que em serviço de Deos, em gloria de seu nome, em amparo de sua Igreja, em augmento de sua Monarchia; amado dos vassallos, temido dos inimigos, respeitado dos neutrais, & admirado de todos, viva, vença, triumphe. Encomendovos esta Corte, que tão religiosamente illustre celebra vossas memorias, encomendovos, mas não vos encomendo, que pera irmão não são as recomendações necessarias] o Reyno de Portugal todo: a vossa, & a nossa India si, essa vos encomendo eu muito, fazei com a efficacia de vosso patrocínio, que tome toda a sujeição das armas, que a conquistarão: não permaneçam triumphantes os estandartes da heresia Olandeza, onde tantas vezes triumpharão gloriosas as chagas de Iesu Christo; E se a causa principal porque Deos quasi tem tirado aquella conquista a Portugal, he o pouco cuidado, com que os Portuguezes tratão hoje os negocios da fé, dizellhe, que quando seu Monarcha, com tanta piedade, zelo, & affe-

affecto assiste á conversão das almas, & ao augmento da Christandade, não he justo que perca a melhor joya de sua coroa pello descuido de seus vassallos: o concerto de dilatar a Fê quando Portugal se criou Reyno, não se fez cõ os Vassallos, cõ o Rey se fez. Pois ainda os Reys de Portugal, não faltarão ao concerto, ainda favorecem a protecção verdadeiramente real, a prègação do Evangelho: torne pois a India a seu Monarcha, esteja a Magestade divina pello concerto, quando não falta a Magestade humana; para que assi reconheçamos de todo nossas venturas a vosso patrocínio, pello qual esperamos tambem alcançar a graça com que seguremos a gloria, *Ad quam nos perducatur Deus.*



69-187

R. B. Rosenthal
10-22-68

CA 674

511/1a

1-SIZE



